



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA  
RITA

# O SECULO

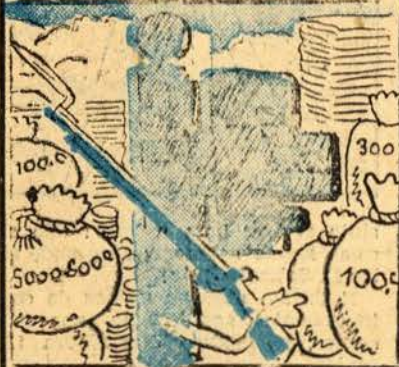
## A Ilusão da Fechadura

Por LAURA CHAVES  
Desenhos de A. CASTAÑE

Certa família abastada,  
senhora de bons dobrões,  
passava a vida ralada  
com receio dos ladrões.

Lá no lugar, pelos modos,  
diziam, à boca cheia,  
que tinham dinheiro a rodos,  
um famoso pé de meia.

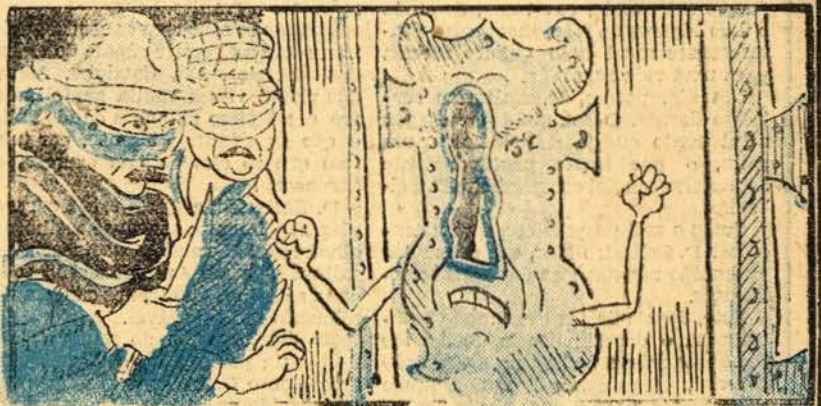
Mas como quem conta um conto  
— o ditado assim o diz —



acrescenta sempre um ponto,  
em breve o soube o país.

Suscitou, naturalmente,  
muita inveja e azedume  
e cortavam nessa gente,  
como é uso e bom costume.

Perante os boatos falsos,  
a família — estás a ver —  
para fugir a percalços  
tratou de se defender.



Mandou comprar à cidade  
a fechadura ideal,  
que dá mais seguridade,  
a celeberrima «yale»,  
para a pôrem no portão  
onde havia uma disforme,  
de escudete de latão,  
e uma chave imensa, enorme!

Quando a velha fechadura  
soube que a iam tirar,  
sentiu tamanha amargura  
que desatou a berrar:  
— Já não há patriotismo,  
trocam-me por uma inglesa!  
Que ingratião, que cinismo!  
Sou velha, mas portuguesa! —

E quando a outra avistou,  
loira, fraca, um alfenim,  
logo a velha resmungou:  
— Que tal está o *Benjamin!*

E vão pô-la em meu lugar  
para evitar os ladrões!

Deve ir de pernas ao ar  
se levar dois safanões!

Emquanto os bens lhes guardei,  
dei-lhes vida sossegada,  
ninguém disse: aqui del-rei,  
nunca ninguém roubou nada.

Eu sou velha, sou jarreta,  
mas isso pouco me importa,  
se tenho forte língua  
e fecho, com fôrça, a porta.

Cheira de longe a tramóia  
essa fraca criatura.  
Lembra-me mais uma jóia  
que uma bôa fechadura.

Não julgue que me desbanca  
por ter chapinha a luzir!  
Eu e mais a amiga tranca  
temos muito inda que rir.

(Continua na pagina 8)



## D. SALTARICO NEURASTÉNICO

Por ZE D'ALDEIA desenhos de CASTAÑE

**E**RA uma vez um casal de saltaricos africanos que, no meio das selvas, vivia feliz e contente.

Na fertilidade dêsse solo virgem, que um sol de fogo beijava sofredamente, onde, por vezes, se ouvia o úivo lúgubre do leão, encontrava o interessante casal tudo quanto carecia para uma vida regalada.

Um dia, porém, D. Saltarico sentiu-se doente. O seu mal-estar chegou a tal ponto que já mal podia dar um salto, o que trazia profundamente apreensiva sua fiel companheira D. Saltarica.

Como o mal progredisse, foram consultar D. Saltarico-Mór, que era muito entendido nas doenças dos seus semelhantes.

Este, depois de ter examinado atentamente o doente; depois de lhe ter tomado a pata e verificar a sua tenção arterial, diagnosticou-lhe uma grave neurastenia, para a qual só via um remédio: — vir a ares até Portugal.

D. Saltarica, que queria do fundo da alma ao seu companheiro, resolveu partir no dia seguinte, mas o sol despontava para as bandas do oriente. E foi num vôo felicíssimo, por uma manhã perfumada de primavera, que o interessante par se pôs a caminho. A breve trecho encontraram, no mar alto, um grande navio, em cujo mastro se quedaram, com as provisões que levavam consigo.

Andaram muitos dias e noites, até que, numa madrugada em que o sol

parecia um topázio imenso engastado no azul puríssimo do céu, chegaram a Lisboa.

Num vôo corajoso, disseram adeus ao imponente barco e foram admirar, dum alto, a imponência da cidade de mármore e granito.

Quando se sentiram cansados, poisaram sôbre a elegante cúpula do Coliseu dos Recreios. Era domingo. Através dos vidros viram muita gente lá dentro e no circo palhaços dando saltos, o que os admirou imenso, por julgarem que só êles podiam exercer essa acrobacia!

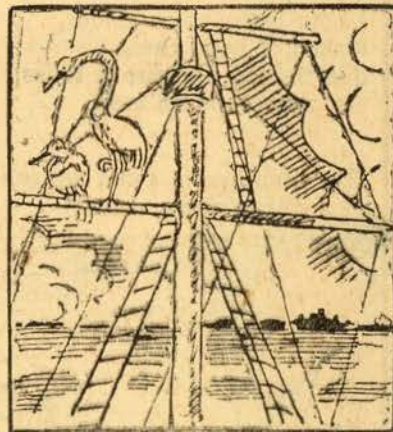
D. Saltarico, a quem tanta surpresa alegrava imenso, sentiu-se melhorar a olhos vistos. Quando a *matinée* acabou, saltaram para a Avenida da Liberdade, onde se foram munir, nos canteiros, do alimento indispensável.

No dia seguinte, ao romper d'alva, decidiram partir para o Norte, tendo escolhido o Douro para residência oficial, devido ao seu clima inconfundível, ao sabôr dos seus frutos, das suas deliciosas uvas e seus panoramas de sonho. E pararam, após um dia de viagem no tombadilho do rápido, na Régua, onde de novo se encarrapitaram no caminho do Vale de Vouga, que os trouxe a Portelo de Cambres.

Como chegassem com sede e sabendo da fama das nossas *águas radioactivas*, ali foram desalterar-se, tendo D. Saltarico notado, com surpresa, que o seu sistema nervoso recebera, com essa ablução, um benéfico impulso!

Depois foram a S. Brás, donde se avista um dos paporamas mais impressionantes de Portugal, e ali fixaram residência, no meio duma linda vinha que, com os seus bardos simetricamente alinhados, parecia um jardim encantado, no qual a verdura dos pampanos floridos, lembrava rendas infindas, caprichosamente tecidas por delicadas mãos de fada.

— «Que Paraíso!» disse D. Saltarico à sua fiel companheira, e como eu me



sinto reviver hora a hora! Não sei como hei-de agradecer ao grande sábio D. Saltarico-Mór!

E davam ambos pulnhos de contentamento, agradecendo, aos seus deuses, a ventura duma cura tão rápida.

Já se tinham passado quinze dias. D. Saltarico e a companheira, engordavam a olhos vistos. Nunca na sua vida tiveram mesa tão farta, ares tão puros, águas tão cristalinas.

Um dia, porém, o dono da quinta, começou a sulfatar as suas vinhas.

E D. Saltarico, que não conhecia o sulfato de cobre, com que se curam as vinhas, bebeu, numa fôlha, uma gotinha.

Valeu-lhe a imprudência uma forte indigestão, que lhe poderia ser fatal, se D. Saltarica o não rodeasse de carinhos e cuidados.

Passados dias, o dono da quinta começou a enxofra. D. Saltarico, no-



# O ELEFANTE e os MOSQUITOS

Fábula por GRACIETTE BRANCO

**C**ERTO dia, um elefante,  
passando num areal,  
resmungava, triunfante,  
com sua voz gutural,

vendo, em vôos inocentes,  
quatro mosquitos pequenos,  
com azinhas transparentes,  
em vôos curtos, serenos :

— «Pobres mosquitos, que vejo,  
em minha volta, a voar...  
apenas o meu bafejo  
os faz cair e rolar...»

Só a mim, nada molesta,  
nada me serve de alarme...  
vivo sempre em grande festa  
ninguém pode incomodar-me...»

E o toleirão, imponente,  
satisfeito e majestoso,  
caminhava, sorridente,  
com seu passo vagaroso...

Porém, de súbito, deixa  
de ver tudo que o rodeia...  
solta um lamento, uma queixa,  
e, trôpego, cambaleia...

Sente picadas na tromba  
e ouve um tilintar de sinos...  
— Tolo elefante, que zomba  
da força dos pequeninos!...



Ais e gritos éle solta...  
— «O que estou eu a sentir?!  
O que é isto em minha volta  
que não me deixa seguir?!»

Chegou o fim. Vou morrer!  
Mas quero ver se consigo  
abrir os olhos e ver  
meu poderoso inimigo!»

(Continua na página 8)

vamente, e contra a advertência cautelosa da sua companheira, esteve em riscos de morrer sufocado.

Nesses momentos, a sua selva, onde o sol ardente põe rutilações de incêndio, onde o leão ruga com fragor e a natureza é rude mas sincera, veio-lhes à mente, as saudades do seu lar natal, e abreviaram a partida.

Numa manhã deliciosa de Junho, lá se foram de longada, no tejadilho do rápido da manhã. Ao chegarem a Lisboa, dirigiram o seu vôo para o cais da Companhia Nacional de Navegação e tomaram lugar no mastro dum vapór que nesse dia partia para a sua pátria querida.

Chegados ali, foram logo agradecer

ao D. Saltarico-Mór, a quem disseram que vinham encantados com o que tinham visto.

E no fim da sua narrativa, D. Saltarico teve esta frase: — «Portugal é muito lindo, não resta a menor dúvida, mas a nossa querida Africa, não é menos.

**F I M**



# O JOÃO do CALDEIRÃO

Por LEONOR DE CAMPOS  
Desenhos de A. CASTAÑÉ

**C**AIN! caín! Béu!... Béu!...  
— Miau... Pff!...  
— Có-có-ri-có! Có-có-ri-có!...  
— Gru-gru-gru-gru!...  
— Piu-piu-piu!...

Todas as manhãs, todas as tardes, a toda a hora o concerto de lamentações da bicharada era impressionante.



Os gatos, os cães, as galinhas, perús e pintos andavam numa dança.

O João era mau, mau como um batalhão de cobras. Nada havia que o forçasse a desistir de fazer mal aos animais. Se apanhava qualquer bicho a jeito, o pobresinho era obrigado a mostrar logo as habilidades. Animal que o João agarrasse tinha de praticar todos os sports: — saltos em altura, saltos em comprimento, natação, patinagem, etc, etc. E aí daquele que se recusasse. Sofria, então, o martírio supremo, que consistia em ser metido num caldeirão bem cheio de água, que o João escondia a um canto do pátio. Se não se afogasse, o que em geral acontecia, o desgraçado bicho não ficava com muita saúde.

Mas como todos os maus tarde ou cedo são castigados, sucedeu que ao João também chegou o seu castigo.

Vivia nos forros da casa uma grande família de ratos sábios: rato pai, mãe ratazana e numerosos ratinhos e ratões de todos os tamanhos.

Andavam indignadíssimos com o procedimento do malvado, tanto mais que a família ratácea fôra já cem vezes atingida... O gata estava ausente, devido ao tratamento que andava a fazer no seu médico, para curar uma enorme constipação apanhada no caldeirão. Relinida a família

rata sábia em assembleia geral, o rato pai tomou a palavra:

— « Senhora ratazana, minha esposa... »

Ratos, ratinhos e ratões:

Reunimo-nos hoje, nesta distinta assembleia, para resolvermos acêrca dum caso que muito tem preocupado o meu inteligente cérebro de pai de família e chefe de todos vós... »

(Como se vê, o rato não era nada modesto...)

Depois, o rato continuou:

— « E, meus queridos, cheguei a esta conclusão:

Se não tentamos, por todos os meios ao nosso alcance, acabar com as maldades do João do Caldeirão, dentro em pouco não restará um único membro da nossa importante família... »

Entreolharam-se todos, aterrados.

— « E como fazer? » — perguntou um deles, em voz trêmula.

— « Aí é que está a dificuldade. Qualquer de nós, sem precisarmos grandes estudos, compreende a linguagem e os gestos do homem. Mas, como sabeis, não se dá o inverso. O homem é, essencialmente, estúpido e ignorante... »

— « Bis, bis!... » — aprovou a assembleia em coro.

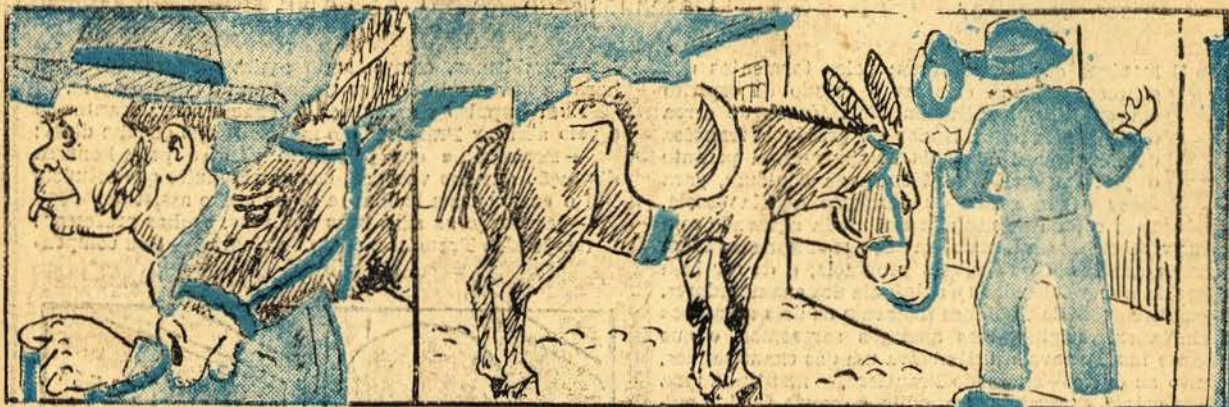
— « Estão proibidas as repetições... Além disso temos que agir sem demora. Cumpre-nos, pois, encontrar um meio pelo qual nos façamos compreender do tal malvado. Temos que mostrar-lhe que é péssimo o caminho que tomou. Lembrei-me, pois, do seguinte. Iremos todos ter com êle. Vendo uma família tão numerosa de ratos dirigir-se-lhe corajosamente, êle, de certo, compreenderá que se trata de qualquer facto anormal. Nessa altura entro em cena e de qualquer forma lhe mostrarei o bom caminho... Valeu? »

— « Apoiado!... Apoiado!... » — Gritaram os ratos nuns hi hi tremelicados, mas sem se atreverem a contrariar o chefe.



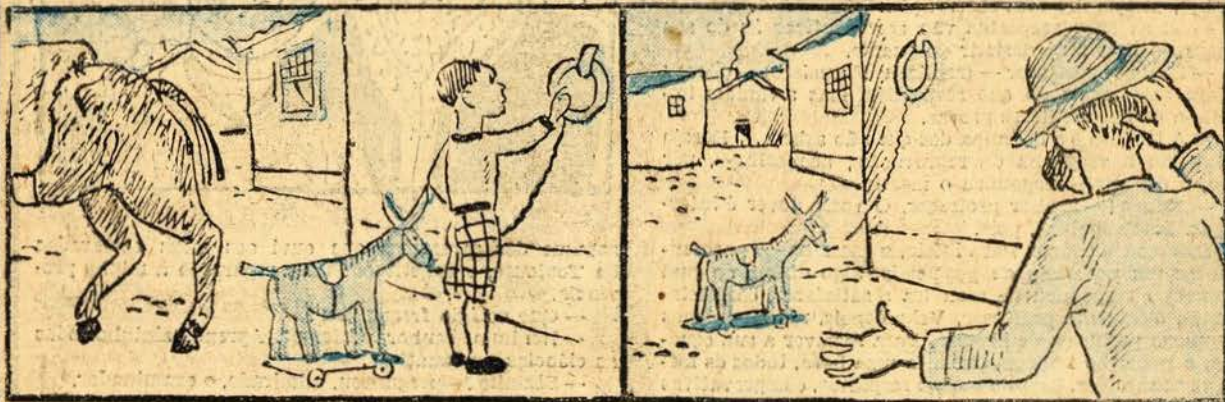
# "Zé Tachado" e o seu burro

Desenhos de A. CASTAÑE



I — O saloio Zé Tenório, por alcunha o «Zé Tachado», tinha um burro, o Jáu, notório por ser muito avantajado e extremamente finório.

II — Um dia, a meio caminho, cansado de dar à perna, prende a uma argola o burrinho, e entra numa taberna, a-fim-de provar o vinho.



III — Entanto, um garoto mau que passava, ali pertinho, com um burrinho de pau, resolve levar o Jáu, deixando em troca o burrinho.

IV — Mas, nisto, aparece o nosso «Zé Tachado» que, sem tino, exclama com alvôrço: — «O burro parece fino!... Será por eu estar «grosso»...?»

— Nêsse caso... a caminho!... E aconteça o que acontecer, nada de deserções!...»

O João estava nessa altura junto ao caldeirão, muito entretido com um pobre patinho, que não tinha querido saltar o arco.

Ao ver aquela formidável família, ficou surpreendido.

— Que diacho quererá esta gentinha?



E mais admirado ficou quando se viu rodeado por todos os lados e avançar um enorme rato:

— Hi hi hi, hi hi hi, hi hi hi. Hi hi hi...

Não pôde dizer mais. O João, numa fúria, desesperado com aquêlre atrevimento, agarrou brutalmente no pobre bicho e zás... atirou-o para o caldeirão. Depois, sempre desesperado, apanhava ratos às mãos

(Continua na

página 6)

# TRIUNFO MERECIDO

Por J. F. S. — Desenhos de A. CASTAÑE

**O**s meninos que já passaram pelos tormentos dos exames, poderão calcular o estado de espirito em que se encontrariam dois jovens de cerca de dezasseis anos, vindos da provincia francesa de Perpignan, os quaes compareceram perante o júri da escola politécnica de Toulouse, para fazer o seu exame de admissão áquella escola. Esse estado de espirito era ainda agravado com a circunstancia de ser a primeira vez que se apresentavam a exame condiscipulos daquela provincia, e de ser bem conhecida a meticulosidade e exigencia dos examinadores. Os condiscipulos de Toulouse troçavam os dois mancebos provincianos, dirigindo-lhes amargos sarcasmos, o que bastante incomodava e intimidava um dos examinandos. Quanto ao outro — chamado Francisco, — mantinha uma grande calma, esperando, tranquillo, e seguro de si, o momento de ser chamado e interrogado.

Decorrido algum tempo, foi o companheiro de Francisco sujeito a exame mas, devido á maneira ríspida como o interrogaram e á sua disposição, criada pelos motejos dos camaradas, atrapalhou-se, ficando reprovado.

Coube depois a vez a Francisco. Ao responder á chamada, o mestre que, por sinal, era o célebre matemático Monge, dirigiu-lhe esta observação:

— Se as suas respostas vão ser idénticas ás do seu colega, melhor será desistir do exame.

— Senhor professor — (replicou Francisco) — o meu colega sabia mais do que respondeu, mas a timidez impediu-o de dar melhores provas.

— A timidez é a desculpa dos que não sabem... Desejo evitar-lhe a vergonha da reprobção; aconselho-o, por isso, a desistir — respondeu o mestre.

— Nunca! — senhor professor. O vosso dever é interrogar. Interrogai-me, pois.

Começou o exame. Para início, o examinador apresentou-lhe um problema de geometria, algo difficil, ao qual Francisco respondeu de maneira a satisfazer, completamente, o exigente professor. Veiu, depois, um não menos complexo problema de álgebra. Para resolver a sua equação, o mancebo indicou, durante uma hora, todos os métodos conhecidos. Essas e outras respostas, comprovativas

esses problemas, completando assim o espaço de duas horas e um quarto em que trabalhou no quadro preto.

Num impulso espontâneo, o examinador levantou-se e veio abraçar Francisco, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Permita-me que o felicite não só pela honrosa distincção que lhe vou dar, como pelo muito que estudou. Foi o exame mais brilhante a que tenho assistido.

— Agradeço as suas boas palavras, senhor professor: — (respondeu Francisco, cheio de alegria) — elas compen-



sam-me dos sarcasmos que ouvi aos meus camaradas de Toulouse, e constituem uma reparação á minha provincia.

— Que colégio frequentou?

— Nenhum, senhor professor. Aprendi sozinho todas as ciencias matematicas.

— Sozinho? — perguntou, admirado, o examinador.

— Sozinho. Meus pais mandaram vir de Paris os melhores tratados do genero; por meio deles, e com o maior desejo de vencer, consegui o que sei, após um ano e meio de estudo. Durante esse tempo aprendi, ainda, esgrima, musica, equitação e dança.

— Aprendeu tudo isso sozinho em um ano e meio? Mas é simplesmente admirável o seu exemplo de tenacidade! Sabeis mais do que manda o programa... Mancebos — (concluiu o senhor Monge, voltando-se para todos os examinandos e apontando Francisco) — os que tiverem este colega por condiscipulo na nossa escola, devem sentir-se orgulhosos. Prevejo que ele sobresairá entre vós.

Efectivamente, o jovem honrou a escola que o admitiu como aluno. Passados apenas quatro anos, foi nomeado secretario do observatório e em seguida encarregado de ir a Espanha, juntamente com o grande astrónomo francez Biat e o sábio espanhol Rodriguez, para terminar o difficil trabalho da medição do arco do meridiano terrestre, que serviu de base ao novo sistema métrico.

Para o conseguimento dessa missão, Francisco passou durante dois anos em Espanha, as mais extraordinárias e movimentadas aventuras, em muitas das quaes a sua vida correu perigo.

Após a sua chegada, a Espanha declarou guerra á França o que, como era natural, trouxe grandes prejuizos ao sábio, que chegou a estar priso, acusado de espião, e prestes a ser fusilado. Graças, porém, ao seu espirito tenaz, sangue-frio e decidida corágem, conseguiu chegar são e salvo a França, salvando com ele os valiosos documentos da expedição, que o immortalisaram como homem de caracter e cientista natural.

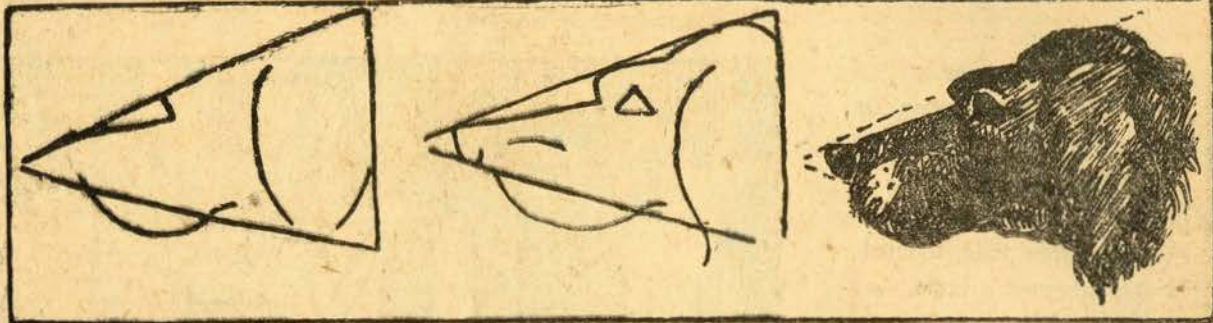


de um verdadeiro conhecimento das matérias, mudaram em absoluto o critério do mestre a respeito do examinando, manifestando-se ante as suas provas excepcionais:

— O vosso exame terminou — declara o senhor Monge. — Contudo, gostaria que me concedesse o favor de responder a dois problemas que vou expor-lhe.

Sem nenhuma dificuldade, Francisco resolveu, também,

# Lição de desenho



Como se desenha um «Terra Nova»

## A DIVINHA



Meus meninos: Este sujeito costuma jogar o dominó com o seu compadre. A última vez perdeu por falta de uma quina. Mas nós sabemos onde ele a tinha sem o saber. Vejam se descobrem.

## CHARADAS EM FRASE

O menestral *trova* junto ao riacho sobre uma *pedra*. — 2-2  
 No limite desta *fita de medir* está este *instrumento*. — 2-2  
 Este *tanque d'ovas* gera uma *doença* proveniente dum *pequeno reptil*. — 2-2  
 Este homem *isolado* soltou um *grito* batendo o pé no *chão*. — 1-2

Solução das anteriores: I, Beladona. II, Filosofia. III, Heroicidade. IV, Monograma.

+ to — Exclamação verbal.  
 + na — Nome de mulher.  
 conceito: — *Casa*

+ le — Filhos.  
 + bo — Fala.  
 + ca — Calçada lisboeta.  
 + co — Vazio.  
 conceito: — *Adágio*

+ ma — Leito.  
 + co — Bocadão.  
 + ta — Nome.  
 + co — Vazio.

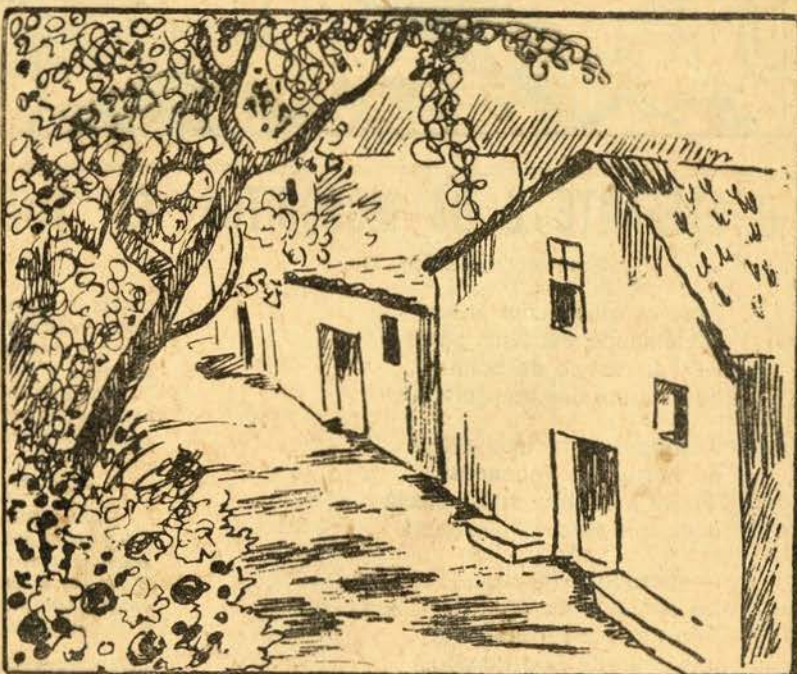
conceito: — *Pássaro*

## CHARADAS COMBINADAS

+ la — Beça de aço ou arame.  
 + lo — Crivo.

Solução das anteriores: I, Romaria. II, Gabarola. III, Prateleira. IV, Cavalaria. V, Marcenaria. VI, Ordinário

## PARA OS MENINOS COLORIREM



Qual a cousa, qual é ela?...

I

Sou fruta, sou molengão,  
 sou velho amigo também;  
 no masculino, porém,  
 sou sopapo ou cachação.

II

Entre montanhas estou,  
 sou um documento à prova  
 e apelido; porém, sou,  
 no feminino, uma cova.

Solução das anteriores: — I  
 Manga II — Fonte III — Gato.

Junto da família, recomeçou a sua vida de estudioso. Apreciado e homenageado em todo o mundo, como um dos maiores astrónomos da época (1803), foi admitido sócio da Academia de Ciências de Paris, e nomeado director do Observatório, e professor da Escola Politécnica, aquela mesma onde, com 16 anos, entrou como simples aluno, depois de um exame brilhante que obrigou o próprio

examinador a descer da sua austera cátedra para o felicitar e abraçar.

Verdadeiro triunfo alcançou este mancebo que jámais conheceu o desânimo e a ociosidade.

Chamava-se Francisco Arago.

# A Ilusão da Fechadura

(Continuação da página 1)

Porque já ouvi dizer  
que a pobre tranca, também,  
para o sótão vai viver,  
pois cabimento não tem  
junto dessa nobre dama,  
que ela supre tudo, a eito!  
Já lhe sabemos a fama,  
vamos a ver o proveito.



Quando virem arrombada  
essa dama de ouro e aço  
e a massa tóda roubada,  
verão a falta que eu faço.

Foi mudada a fechadura,  
ninguém a casa assaltou,

tudo na mesma inda dura  
e a vida continuou.



Há quem julgue e julgue mal  
ser, assim, insubstituível;  
pois nesta vida, afinal,  
nada é imprescindível.

Laura Chaves

**F I M**

## O ELEFANTE E OS MOSQUITOS O João do Caldeirão

(Continuação na pág. 3)

Abre os olhos, com pavor,  
exclamando em altos gritos:  
— «Foi castigo do Senhor!  
Sou vítima dos mosquitos!»

Realmente, era uma praga  
de mosquitos venenosos...  
Tinha a tromba numa chaga  
com dois sulcos dolorosos!

— «Perdão!—(gemia)—Perdão!  
fui bastante castigado!  
Não torno a ser fanfarrão,  
que é muito feio pecado.»

Amiguinhos pequenitos:  
— eis uma lição flagrante,  
em que um soberbo elefante  
foi vencido por mosquitos.

**F I M**

(Continuação na pag. 4)

cheias e atirava-os também para o fatídico caldeirão.  
Quando deitou lá dentro o último rato, porque em obediência à vontade do do chefe nenhum desertara, esfregou as mãos e riu satisfeito.

Mas não esperava o que então sucedera. O rato pai, conseguindo vir à tona da água, gritava em tom de comando:

— «Beber ... água!...»

Num minuto, toda a água desapareceu. E no momento em que o João se debruçava para o caldeirão a fim de gosar a sua obra, toda aquela família lhe saltou à cara. E de tal forma lhe roeram o nariz e as bochechas, que o desgraçado, sempre perseguido, largou a fugir... a fugir... e só parou em Vila Nova de Parada...

## ERRATAS

Os contos que publicámos no nosso número anterior, intitulados: — «Fazanhas do Galo Cantor» e «O Arrependimento do Vilão-Ruin», são, respectivamente, da autoria de Virginia Lopes de Mendonça e de José Augusto do Vale, e não como, por lapso tipográfico, erradamente saiu.